

Introdução

Tendências na emigração portuguesa

01. Portugal é hoje o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da sua população residente. O número de emigrantes portugueses supera os dois milhões, o que significa que mais de 20% dos portugueses vive fora do país em que nasceu. O crescimento do número de portugueses emigrados foi, nas duas últimas décadas, superior ao crescimento da população residente em Portugal. Só em 2013 saíram do país cerca de 110.000 portugueses.

02. A emigração portuguesa tem sido uma constante desde a II Guerra Mundial, embora com intensidade variável. Até meados dos anos 60, foi uma emigração predominantemente intercontinental, com a América e as ex-colónias de África como destinos principais. A partir de então dirigiu-se sobretudo para a Europa, com um curto interregno na década que se seguiu à Revolução de 1974.

03. A emigração voltou a crescer de forma gradual e continuada em consequência da integração de Portugal na Comunidade Económica Portuguesa, em 1986. A liberdade de circulação no espaço europeu, que inclui os países da União Europeia e da EFTA, explica porque nesta fase a emigração portuguesa se concentrou ainda mais na Europa. Em 2010 não só residiam no conjunto dos países europeus mais de dois terços dos portugueses emigrados como se dirigiram para a Europa mais de 85% dos emigrantes que nesse ano saíram de Portugal.

04. A estagnação do crescimento económico em Portugal que se seguiu à entrada no Euro, bem como a consequente pressão depressiva sobre o investimento público, traduziram-se num crescimento da emigração nas duas primeiras décadas do século XXI. Esse crescimento seria interrompido com a crise de 2008 e regressaria, ainda com mais intensidade, a partir de 2010.

05. Os efeitos da crise sobre o volume e o padrão da emigração portuguesa variaram ao longo dos últimos anos. Numa primeira fase, entre 2008 e 2010, a natureza global da crise financeira e, em particular, o seu impacto no emprego em Espanha, então o principal destino da emigração portuguesa, traduziram-se num decréscimo da emigração portuguesa. Desde 2010, com a natureza assimétrica da chamada crise das dívidas soberanas e os efeitos recessivos das políticas de austeridade, a emigração passou a crescer mais do que antes da crise.

06. Na fase atual da emigração portuguesa destacam-se como destinos principais o Reino Unido, a Suíça, a França e a Alemanha. O Reino Unido constitui, hoje, não só o principal destino da emigração, como o mais importante polo de atração dos emigrantes portugueses qualificados.

07. Nos países americanos onde é mais antiga a emigração portuguesa, há hoje populações emigradas numerosas mas envelhecidas e em declínio. É o caso do Canadá, dos EUA, da Venezuela e do Brasil, embora a emigração para este último país mostre já alguns sinais de ligeira retoma. Em geral, no entanto, a entrada de novos imigrantes portugueses nos países americanos diminuiu tanto que tem sido insuficiente para compensar a mortalidade e movimentos de retorno e de reemigração.

08. Nos destinos europeus da emigração portuguesa dos anos 60, as populações portuguesas emigradas são numerosas e envelhecidas mas em crescimento. A recente retoma da emigração portuguesa para países como a Alemanha, França e Luxemburgo foi já suficiente para inverter a tendência para a estabilização ou mesmo diminuição das populações portuguesas aí residentes, mas não para compensar o seu envelhecimento em consequência da interrupção dos fluxos no período pós-1974.

09. Finalmente, nos novos destinos da emigração portuguesa as populações emigradas são jovens e estão em crescimento, embora com padrões já variáveis. O destaque vai para três países: a Suíça, com uma história de emigração portuguesa intensa mais longa, desde a segunda metade dos anos 1980; o Reino Unido, hoje o principal destino da emigração portuguesa e ainda numa fase de grande crescimento; e a Espanha, a atravessar uma fase de declínio como destino migratório desde a crise financeira de 2008, em consequência da recessão nos sectores da construção que tinham sido responsáveis pela atração de mão-de-obra pouco qualificada no período anterior.

10. A nova emigração portuguesa é mais qualificada. Porém, com os dados disponíveis, dos censos de 2010/11, não é possível afirmar que essa maior qualificação seja superior à maior qualificação da população portuguesa em geral. Até aquela data, o crescimento da população emigrada com um diploma do ensino superior fez-se ao mesmo ritmo do crescimento da população portuguesa diplomada. No entanto, com o colapso pós-2008 do maior fluxo de emigração portuguesa desqualificada do século XXI, para Espanha, e o crescimento da emigração para novos destinos como o Reino Unido, é possível que esteja a haver mudanças na estrutura das qualificações da emigração ainda não registadas.

11. O crescimento da emigração nos últimos anos tem já tradução na variação do valor das remessas recebidas em Portugal. Em termos nominais, esse valor subiu mais de 10% ao ano desde 2011. Neste ano, o valor total das remessas de emigrantes recebidas em Portugal

ultrapassou os três mil milhões de euros, o que correspondeu a cerca de 1.8% do PIB. Em termos relativos, Portugal é hoje um dos países da União Europeia em que é maior o impacto económico das remessas. Os dois países onde residem mais portugueses, França e Suíça, foram também os países de origem de mais de metade das remessas recebidas em Portugal em 2013.

Observações metodológicas

- 12.** Há, nas migrações internacionais, uma assimetria fundamental. O direito de sair do país em que se reside está hoje estabelecido como liberdade individual fundamental. Pelo contrário, a entrada num país que não o de nacionalidade continua a depender da vontade soberana dos estados nacionais. Consequentemente, não há registos de saídas (emigração) mas apenas de entradas (imigração). Estimar e caracterizar a emigração de um país requer pois que se compilem os dados sobre a entrada e permanência dos emigrantes nos países de destino. Os dados que o Observatório da Emigração recolhe, divulga e analisa são pois os dados que obtém junto das instituições responsáveis pelas estatísticas da imigração nos países de destino da emigração portuguesa.
- 13.** Os problemas de harmonização de dados produzidos por uma tão grande variedade de organizações, a fragilidade dos sistemas estatísticos em alguns países, bem como a natureza internacional dos movimentos em causa estão na origem de uma crescente intervenção das principais organizações internacionais na produção de bases de dados e de indicadores estatísticos sobre a emigração. Esses dados são hoje de consulta indispensável para um melhor conhecimento do fenómeno migratório. O *Factbook* reúne também os dados e estimativas sobre a emigração portuguesa disponíveis em fontes como o Eurostat, a OCDE, o Banco Mundial e as Nações Unidas.
- 14.** Nos organismos internacionais há hoje consenso sobre a utilização, como indicador da emigração, da variável naturalidade: considera-se emigrante quem vive há mais de um ano num país diferente daquele em que nasceu. Contudo, quando se trata de estatísticas sobre a entrada de imigrantes num país, os dados disponíveis são geralmente dados sobre a entrada de estrangeiros, pois é o controlo da entrada de estrangeiros que é objecto de registo. No *Factbook* usam-se pois, em regra, dois indicadores sobre a emigração. Quando se trata de medir e caracterizar as populações portuguesas emigradas, o indicador retido é, sempre que disponível, o da naturalidade — nascidos em Portugal residentes noutros países. Quando está em causa a medição do movimento de entrada de portugueses nos países de destino, o indicador usado é geralmente o da nacionalidade — portugueses entrados noutros países.

15. A dispersão dos dados sobre a emigração portuguesa, produzidos por instituições estatísticas de dezenas de países, nas línguas nacionais, muitas vezes não disponíveis ao público ou mesmo não apurados, torna muito difícil o acesso individual rápido à informação relevante. A atividade do Observatório tem por primeiro objectivo remover as dificuldades assinaladas e compilar e seleccionar os dados originais sobre a emigração portuguesa disponíveis nas fontes dos países de destino, bem como, sempre que necessário, negociar o apuramento e o acesso aos dados produzidos por aquelas fontes que não se encontram disponíveis. Posteriormente, o Observatório harmoniza e reúne os dados assim obtidos e divulga-os através do seu sítio Web e das suas publicações. Com o *Factbook* pretende-se compilar anualmente os principais indicadores sobre a emigração portuguesa que resultam daquele trabalho sistemático e disponibilizá-los em formato condensado a todos os que necessitam dessa informação, em particular investigadores, decisores e jornalistas.

16. O *Factbook* está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo disponibiliza os dados agregados sobre a emigração portuguesa total, muitos dos quais são estimativas, bem como dados comparados sobre a emigração portuguesa e mundial. O segundo capítulo disponibiliza informação mais pormenorizada sobre quatro indicadores da emigração portuguesa para os principais países de destino: fluxos, estoques, nacionalidade e registos consulares. O terceiro capítulo reúne a principal informação sobre as remessas recebidas em Portugal e enviadas de Portugal. O quarto capítulo tem um conteúdo anualmente variável. Neste primeiro número, o *Factbook* disponibiliza séries cronológicas sobre a emigração portuguesa, que cobrem todo o século XXI, para os principais países de destino. Na edição do próximo ano, serão disponibilizados os dados dos censos de 2000/01 e de 2010/11 sobre as características sociodemográficas das populações portuguesas emigradas nos principais países de destino. O *Factbook* inclui ainda a informação básica sobre os indicadores e fontes consultados (metadata e glossário).